

O pensamento de Friedrich Ratzel e suas contribuições metodológicas para a geografia

Suliman Sady de Souza

da Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa - Brasil
sulimansady@gmail.com

Iana Raquel Dantas de Oliveira

da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – Natal - Brasil
iana.raquel@hotmail.com

Jeremias Rocha Pereira

da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – Natal - Brasil
jeremiasr95@gmail.com

Joseara Lima de Paula

da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – Natal - Brasil
josearageo@yahoo.com.br

Resumo: Este esforço de revisão bibliográfica acerca da obra de Friedrich Ratzel (1844-1904) nos coloca junto a tantos outros esforços de (re)interpretação de seu pensamento. Mesmo ocupando lugar de destaque quanto a formulação da ciência geográfica, muitas de suas ideias e estudos foram menos ou mal utilizadas ao longo dos anos por conta de interpretações equivocadas. Neste sentido, temos como objetivo geral refletir sobre as contribuições metodológicas do pensamento de Ratzel para a construção da ciência geográfica. Também nos atentaremos a analisar algumas de suas ideias principais abarcando alguns conceitos chaves, as influências que nortearam a construção de seu pensamento e como fora utilizado e interpretado ao longo dos anos. Por fim, reforçamos a importância de outros esforços como este para que possamos desmistificar algumas ideias e conclusões sobre Ratzel e sua obra.

Palavras-chave: contribuições metodológicas; geografia humana; Estado; território.

Introdução

Como tantos outros intelectuais, Friedrich Ratzel, foi um importante “pensador de sua época”, dando continuidade ao pensamento e a sistematização da ciência geográfica iniciada por Humboldt e Hitter. Seguindo esse caminho, desenvolveu estudos fundamentais que sistematizaram o pensamento geográfico e contribuíram para a formulação/estruturação da geografia enquanto ciência. Sua vasta obra é reflexo de uma Alemanha desestruturada enquanto território e, conseqüentemente, enquanto nação. O rótulo de “pensador de seu tempo” diz respeito a muitas opiniões e formulações de

determinados pensamentos por parte de Ratzel que refletiram o clima ideológico da época, mas não limita ou torna desatualizadas suas principais ideias e a vasta contribuição que este trouxe para a geografia e para outras ciências.

Pretendemos, neste sentido, analisar os aspectos teórico-metodológicos das principais obras de Ratzel e como estes influenciaram a construção e as posteriores mudanças no pensamento geográfico, assim como na construção e discussão sobre conceitos e temas que serão essenciais para a geografia enquanto ciência. Para conseguir alcançar nossa meta de análise, realizamos uma pesquisa bibliográfica e estruturamos nosso estudo em três momentos diferentes, mas complementares, conforme veremos a seguir.

O primeiro momento caminha pela busca da compreensão do contexto histórico e científico no qual Ratzel está inserido e como isso influenciou seu pensamento junto a suas principais contribuições para a geografia humana. Sobre o contexto histórico e científico destacamos de início os estudos de Cazarotto (2006), Carvalho (1997), Arcassa e Mourão (2011), que tecem sobre as formas nas quais o pensamento ratzeliano vinha sendo interpretado e, conseqüentemente, apontam caminhos para não cairmos em interpretações precipitadas reduzindo a teoria do Ratzel inserindo dentro de um discurso puramente determinista e/ou positivista, por exemplo. Assim, também tratamos sobre aspectos gerais que foram se estruturando à época e que foram de grande contribuição para os primeiros esboços da geografia enquanto ciência e os caminhos estruturantes aos quais esta foi sendo levada. Destacamos, neste sentido, os estudos de Moraes (1997 e 2007).

Em seguida partiremos para a discussão de como o pensamento de Ratzel e sua evolução foi importante para o desenvolvimento da ciência geográfica a partir de sua visão e propostas acerca da geografia. Na formulação de suas principais obras, destacamos a inserção do Homem em suas análises e estudos e, nessa perspectiva, trabalhamos a importância da *Antropogeografia*.

Ao final analisaremos seus estudos sobre a política e o espaço junto ao comportamento territorial dos Estados. Como seus conceitos foram pensados, formulados, quais as interpretações foram feitas sobre estes são algumas das ideias nas quais discorreremos nesta parte final. Ressaltando a importância de Ratzel para a geografia política, por ser um dos primeiros estudiosos a pensar a esfera política e sua conexão com o povo e seu território, a fim de gerir o Estado.

Estes três momentos analíticos formulam uma estrutura de entendimento geral e básico acerca da vasta obra e de como ela foi pensada e formulada por Ratzel, e interpretada e apreendida por outros pensadores. Este caminho que traçamos sintetiza o trajeto das influências e contribuições de Ratzel para as ciências em geral e especificamente para a ciência geográfica.

Friedrich Ratzel: contexto histórico e científico

A ciência geográfica desembarcou no Brasil pelas mãos de geógrafos franceses no movimento acadêmico dos anos 1930 batizado como “Missões universitárias francesas no Brasil”. Com o intuito de desenvolver as universidades locais, a exemplo da USP – Universidade de São Paulo. –, fundada em 1934, Pierre Deffontaines e Pierre Monbeig trouxeram consigo as bases da Escola Francesa. Herdeira dessa geografia, a nossa geografia germinou refratariamente em relação a outra importante escola geográfica: a Escola Alemã.

Esse apadrinhamento recebido da Escola Francesa acarretou em um custo elevado para a geografia brasileira. Acontece que o maniqueísmo envolvendo o Possibilismo (Escola Francesa) e o Determinismo (Escola Alemã) enraizou-se de tal maneira nos meios acadêmicos do nosso país que essa dualidade não somente nos afastou da geografia alemã como, ainda, criou entre os geógrafos locais por várias gerações uma visão enviesada acerca do legado dessa corrente do pensamento geográfico.

De todos os geógrafos germânicos aquele que invariavelmente representa a escolha da esmagadora maioria como alvo de críticas é Friedrich Ratzel. Considerado como um dos estudiosos clássicos da geografia, ele exerceu papel central, ao lado do geógrafo francês Paul Vidal de La Blache, na consolidação da geografia enquanto ciência no final do século XIX. Todavia, recai sobre Ratzel a pecha de subsidiar o discurso expansionista alemão que desembocou nas duas guerras mundiais da primeira metade do século XX, ideia essa que não mais figura como uma unanimidade entre os geógrafos da atualidade.

Além da gênese da geografia brasileira estar vinculada ao Possibilismo francês, as escassas obras de Ratzel traduzidas para o português em parte justificam o conhecimento raso relativo à abrangência temática das suas produções entre os geógrafos brasileiros. São recorrentes as associações estabelecidas entre as obras desse geógrafo alemão e os preceitos nazistas que conduziram a Alemanha aos dois conflitos mundiais. Não raramente também se imputa a ele a condição de determinista, positivista

e de prática de uma Geografia empírica, centrada unicamente na observação e na descrição, nos diz Cazarotto (2006).

Carvalho (1997) e Arcassa e Mourão (2011) são uníssonos ao defenderem que àqueles que pretendem compreender o pensamento de Ratzel não devem fazê-lo de maneira apartada da realidade vivenciada à época por esse geógrafo. Afinal, Ratzel soube apreender com bastante acurácia o dinamismo que o cercava e transformá-lo em algo cognoscível cientificamente.

A geografia herdada por Friedrich Ratzel, nascido em 1844, ainda estava incompleta em sua estruturação enquanto ramo do saber científico, mas um longo percurso já havia sido trilhado.

A construção de uma cosmovisão se iniciou a partir das Grandes Navegações que, por sua vez, deram o pontapé rumo a uma economia mundial; era o início do capitalismo em sua fase mercantilista. A ampliação da visão de mundo exigiu que se constituísse uma rudimentar sistematização geográfica dos diferentes lugares conhecidos, de modo que catalogar e classificar passaram a ser atividades inerentes aos estudiosos da época. Não tardou para que esse mundo novo que os europeus paulatinamente descobriam e buscavam dominá-lo tivesse que ser representado, pois, assim, seria mais facilmente controlado. Sobre o fim do feudalismo e o início do capitalismo, Moraes (1989, p. 21) assevera que “o período de transição entre os dois modos de produção apresentou um grande alargamento do horizonte do pensamento humano”.

Se durante o feudalismo a explicação para os mais variados fenômenos se sustentava na interpretação teológica do mundo, no capitalismo a hegemonia do saber religioso cede lugar a uma perspectiva da racionalidade humana. Essa mudança de paradigma fortaleceu o desenvolvimento da ciência como um todo, da qual mais tarde viria a fazer parte dela a geografia.

A temática da relação da sociedade com o território mereceu preocupação no seio dos iluministas no século XVIII. Entre os expoentes daquele período que tiveram esse tipo de preocupação estão Montesquieu e Rosseau, destaca Moraes (1989, p. 23). Mais tarde, outros temas de cunho geográfico não seriam negligenciados por Kant, Hegel e Comte; este último, inclusive, é o formulador do Positivismo. Sobre essa corrente filosófica, Rodrigues (2008, p. 64) explica que “o ideal positivista não aceita a separação entre as ciências da natureza e as ciências do homem, devendo-se, em ambas, utilizarem-se os mesmos métodos [...]. Com Comte o conhecimento humano deve ser direcionado para as leis físico-matemáticas”.

No início do século XIX tudo já se encaminhava para que a geografia, de fato, caminhasse a passos largos para se afirmar como ciência. A Revolução Industrial que teve como berço de origem a Inglaterra em meados do século XVIII não mais estava restrita àquela nação e mostrava a sua força pela Europa continental. A ciência havia sido “capturada” pela burguesia emergente como instrumento de ruptura com a visão teológica sobre a qual se assentava o feudalismo.

O desenvolvimento das ciências naturais sistemáticas, tematizando os variados fenômenos da paisagem, a existência de ciências sintéticas, visando fornecer explicações de conjunto, e a legitimação filosófica das questões geográficas (seja pela inserção de tais questões em sistemas amplos, seja pela explicitação de seu conteúdo político) propiciavam o surgimento da Geografia moderna. Seu temário já estava referendado, assim como estavam dadas as possibilidades lógicas para sua formulação enquanto disciplina autônoma (MORAES, 1989, p. 23-24).

O mosaico de condições propícias à eclosão da geografia como ciência se completou com a publicação da obra *A origem das espécies*, de Charles Darwin, em 1859. A teoria evolucionista criou um ambiente propício para uma explicação da realidade com base na analogia da evolução das espécies. Moraes (1989, p. 24) lembra que Darwin e outros evolucionistas de destaque, como Lamarck e Haeckel, por exemplo, já estavam presentes nas obras de Humboldt e Ritter, geógrafos alemães antecessores de Ratzel.

A sistematização da geografia se conformou por uma série de condicionantes que surgiram no transcurso do desenvolvimento do sistema capitalista. Em outras palavras:

[...] a sistematização geográfica não seria uma resultante mecânica da realização de seus pressupostos. Havia necessidade, para que tal ocorresse, que existisse um impulso vital, para se pensar o temário geográfico na prática social de algum povo, que tivesse realizado os pressupostos elencados (que houvesse participado do processo de sua realização). Assim, aponta-se a necessidade de um estímulo social mais direto para a gênese da Geografia moderna (MORAES, 1989, p. 25).

Apesar de todos esses avanços conquistados faltava uma teoria que fosse genuinamente geográfica e ela emergiu através de Friedrich Ratzel nas últimas décadas do século XIX. Antes de enveredar pela geografia ele havia se formado em zoologia e publicou textos de caráter naturalista, todavia, imbuído de um espírito nacionalista, serviu como combatente alemão na Guerra Franco-Prussiana. Após isso, ele viajou por vários países mundo a fora, indo desde a Itália, passando pelo norte da África e esteve em Cuba, no México e nos Estados Unidos, onde, nesse último, se torna efetivamente um geógrafo dada a análise espacial que o mesmo empreende, relatam Arcassa e Mourão (2011, p. 4). No decorrer da sua vida Ratzel ainda seria jornalista, etnógrafo e historiador, mas foi no campo da geografia que ele obteve grande destaque.

Diferentemente de seus compatriotas antecessores, Humboldt e Ritter, que viveram num período em que a unificação alemã só existia num patamar do desejo, Ratzel testemunha a fundação relativamente tardia do Estado alemão e as primeiras décadas subsequentes sob o comando de Bismark. Esse atraso foi decisivo para a concepção do pensamento ratzeliano que, como visto, derivou de uma realidade empírica na qual esse geógrafo estava imerso. Portanto, o contexto em que Ratzel se encontrava é um dado essencial e que jamais deve ser desconsiderado ao se buscar compreender os seus ensinamentos.

A percepção de que havia se atrasado para participar da Expansão Marítima, tal como seus pares europeus, e a constatação de indisponibilidade de novos territórios a serem conquistados provocou um ressentimento alemão. Outro sentimento com o qual a Alemanha convivia era o de receio de sofrer ataques de seus vizinhos, especialmente por parte da Inglaterra, França e Rússia, que firmaram uma espécie de coligação entre 1870 e 1880. Diante desse cenário, o Estado germânico passou a investir na ciência para angariar prestígio e alcançar reconhecimento.

Segundo Arcassa e Mourão (2011), a geografia enquanto disciplina ajudou para que a Alemanha reconhecesse o seu lugar no mundo pós-Revolução Industrial. Naturalmente coube a Ratzel estabelecer uma conexão teórica entre Estado, povo e território. “Ratzel vai ser um representante típico do intelectual engajado no projeto estatal; sua obra propõe uma legitimação do expansionismo bismarkiano” (MORAES, 2007, p. 69).

Para tal, Ratzel recorreu à obra de Darwin como sustentáculo de suas proposições, bem como àquelas que dela derivaram. Se insere nesse leque Herbert Spencer, filósofo, biólogo e antropólogo inglês que desenvolveu o “darwinismo social”. Moreira (1994, p. 30) explica que:

A obra de Darwin coroa a prodigiosa evolução das ciências naturais, da biologia em particular, nos séculos XVII ao XIX. Embora represente um salto extraordinário no conhecimento humano e na sua libertação das influências escolásticas (religiosas) e idealistas, a obra de Darwin apoia-se numa visão mecânica da evolução natural das espécies. E será reduzida por seus leitores a um evolucionismo linear, sobretudo por Spencer e Ratzel. As leis da biologia que Darwin desenvolve em seu livro serão transportadas para a história dos homens. Para Spencer como para Ratzel as leis da história humana são as mesmas que regem as espécies vegetais e animais. A sociedade é um organismo.

Em Spencer estava incutida a crença de que as sociedades experienciam os mesmos processos de nascimento, desenvolvimento e morte inerentes aos seres vivos.

Ele ainda advogou em torno de uma hierarquia entre as diferentes sociedades. Esse arcabouço teórico conduziu Ratzel à elaboração do fundamento de *lebensraum* (espaço vital), como indicado por Arcassa e Mourão (2011, p. 7). Esses autores atestam também o viés positivista adotado pelo geógrafo alemão ao teorizar acerca da dinâmica espacial das sociedades e dos corpos políticos.

Ao assumir uma posição favorável à ampliação territorial da Alemanha para além das suas fronteiras, sobretudo, pautado no evolucionismo, Ratzel confrontou-se com uma horda de críticos que se empenharam, na visão de Carvalho (1997), em detratá-lo. É o próprio Carvalho (1997) quem nos assegura que muito daquilo que Ratzel enunciou foi distorcido ou descontextualizado, o que, em outros termos, significa que entre os geógrafos brasileiros da atualidade Ratzel começa a ser enxergado com outro olhar.

Imbuído em desmontar mitos e desfazer equívocos que nos tempos atuais ainda pairam sobre Ratzel, Carvalho (1997) se apoia em Mercier (1995) para revelar que a propalada postura determinista atribuída ao geógrafo alemão parece questionável quando se identifica que ele valorizou a variável política para lidar com o espaço, afastando a visão determinista sobre esse tema. Inclusive, ao final da sua vida, a percepção de Ratzel a respeito do Estado e da propriedade guardava mais proximidade com a abordagem possibilista do que com a abordagem determinista, inaugurando a Geografia Política.

Carvalho (1997), mais uma vez fazendo menção a Mercier (1995), reconhece exageros cometidos pelo fundador da Geografia Política quando ele estabeleceu por analogia que o Estado e a propriedade desenvolvem necessidades naturais quanto à posse e à agregação. Contudo, ele procura minimizar os excessos de Ratzel ao apontar que as leituras que se fazem sobre o pensamento ratzeliano podem demonstrar uma descontextualização ou incompreensão relativa ao objetivo, de fato, pretendido pelo geógrafo alemão.

Outro aspecto ressaltado por Carvalho (1997) reside na ambiguidade das ideias de Ratzel. A depender do olhar lançado sobre elas, teremos um Ratzel ultraconservador ou progressista para os nossos dias de hoje. Assim, para que consigamos atingir a essência da geografia difundida por Ratzel, se impõe uma releitura, uma revisão e, principalmente, um esforço de analisar as suas obras dentro de um esforço de contextualização que remontam ao período em que elas foram lançadas. Ratzel e a geografia são frutos dos seus respectivos tempos, não sendo possível compreendê-los dissociados da componente temporal. Para tal, compreendemos que as obras de Ratzel devem ganhar mais espaço entre os geógrafos brasileiros, possibilitando uma apreensão

mais adequada às intenções do geógrafo alemão que ainda está por ser plenamente decifrado por muitos dos nossos geógrafos.

A antropogeografia e a influência do meio sobre o homem: contribuições para a geografia humana

Conforme podemos observar, quando estudamos o contexto histórico do desenvolvimento e institucionalização da geografia, enquanto ciência, a Alemanha e seus teóricos contribuíram muito para a sistematização e avanço do pensamento geográfico, tornando-se referência para o mundo moderno.

Nesse contexto, Friedrich Ratzel ocupa um lugar de prestígio entre os estudiosos responsáveis pela institucionalização da Geografia, sendo ele um dos maiores representantes da Geografia Clássica alemã, principalmente por associar em suas obras problemas de caráter das ciências naturais e das ciências sociais.

Em seus estudos, Ratzel foi o primeiro no âmbito da Geografia a desenvolver discussões sobre os problemas humanos, preocupando-se em trabalhar uma geografia do homem e levantando questões sobre a relação entre sociedade e as condições ambientais, sendo essa uma das maiores contribuições desse teórico para o desenvolvimento da Geografia Moderna.

Nesse sentido, podemos inferir que Ratzel foi fortemente influenciado pelo ambiente intelectual da sua época, principalmente pelas ciências que se dedicavam ao estudo da natureza. Dessa forma, o pensamento ratzeliano vai se edificar por meio das contribuições das teorias que estavam transformando o pensamento científico daquela época, como é o caso das teorias de Charles Darwin aplicadas a sociedade (o “darwinismo social”), as ideias de Wallace e os estudos de Ernst Haeckel, aquele que cunhou o termo Ecologia, disciplina que buscava examinar a interação entre o homem e seu meio (ARCASSA; MOURÃO, 2011). Essas tiveram grande influência no pensamento ratzeliano,

As ciências que se dedicavam ao estudo da natureza gozaram de um grande desenvolvimento no decorrer dos séculos XVII e XVIII, onde se presenciou avanços significativos quanto à explicação dos fenômenos naturais expressos na paisagem. Tais avanços das ciências naturais foram alimentadores diretos do processo de sistematização da Geografia, não obstante, os estudos veiculados a proposta evolucionista, que se deu

contemporâneo ao processo de sistematização da Geografia, forneceu bases de sustentação para a institucionalização dessa ciência (MORAES, 1990).

Frente a esse contexto, observa-se um forte componente naturalista agregado por Ratzel às pretensões científicas da Geografia (CARVALHO, 1997), isso porque foi a partir do seu vasto conhecimento adquirido sobre as produções naturalistas do século XVIII e da primeira metade do século XIX que ele passou a apresentar uma geografia que buscava levar em conta as relações entre os aspectos do homem e da natureza.

Seguindo essa perspectiva, podemos perceber que Ratzel entendia que a Geografia poderia ser, a um só tempo, uma ciência humana e da Terra, tendo assim um domínio de contato entre fenômenos naturais e sociais. Para esse geógrafo, o estudo da Terra não deveria se dá de forma separada ao estudo da vida humana, pois há múltiplas relações existentes entre ambas, sendo uma das suas principais indagações a influência que as condições naturais exerciam sobre a humanidade.

Um dos significados das produções de Ratzel para o desenvolvimento da Geografia está nas questões levantadas em suas obras sobre a relação entre a sociedade e as condições ambientais do meio habitado, fortemente presente no seu estudo intitulado *Antropogeografia*. Nele, Ratzel busca estudar a influência que as condições naturais exercem sobre a humanidade, as distribuições das sociedades humanas sobre o globo (estudo sobre a difusão dos povos sobre o espaço) e a formação dos territórios. Nessa tríplice repartição, todas as questões levantadas em seus estudos são explicadas a partir da relação homem-natureza (MORAES, 1990).

Segundo Arcassa e Mourão (2011), pode-se dizer que a sua obra *Antropogeografia – fundamentos da aplicação da Geografia à História*, publicada em 1882, funda a Geografia Humana, onde Ratzel “definiu o objeto geográfico como o estudo da influência que as condições naturais exercem sobre a humanidade” (ARCASSA; MOURÃO, 2011, p. 11). É através dessa obra que se apresenta as bases para a consolidação da Geografia Humana.

Ratzel desenvolveu extensas revisões bibliográficas sobre o tema das influências que a natureza desempenhava sobre o homem. Foi a partir das obras de Carl Ritter que o Ratzel buscou sua inspiração, dado que a análise geográfica centrada na problemática da influência das condições naturais sobre a história da humanidade já estava presente nas obras do Ritter. A sua ideia de estudar as inter-relações dos organismos coabitando determinado meio deriva da influência que Ratzel sofreu pelo seu professor Haeckel, o que acabou fazendo com que esse aderisse ainda mais às ideias naturalistas, ampliando assim a sua visão orgânica, evolucionista e da relação entre meio e o homem, no entanto,

esse se diferenciava de Haeckel por agregar as dinâmicas humanas à dimensão ecológica (CARVALHO, 1997).

Sendo assim, em seus estudos ele buscou demonstrar que a natureza exercia grande influência na constituição social, principalmente pela riqueza em recursos naturais que o ambiente propiciava à sociedade. Ele também defendia que o meio possibilitava a expansão de um povo, acelerando essa expansão ou limitando-a.

Ratzel entendia que o homem precisava se apropriar dos recursos que a natureza ofertava em abundância para poder progredir em sociedade, implicando assim uma relação mais íntima entre o homem e o seu meio. Dessa forma, a sociedade é entendida na perspectiva ratzeliana como um “organismo que mantém relações duráveis com o solo” (ARCASSA, MOURÃO, 2011, p. 11). Portanto, a Terra, uma vez ligada ao homem, não poderia ser estudada isoladamente, sem levar em consideração o homem que nela habita, tampouco o homem deveria ser estudado sem considerar as influências que as condições naturais exercem sobre o movimento da sua vida, pois ambos estão mutuamente relacionados.

Foi a partir da sua obra Antropogeografia que Ratzel se consolidou no meio acadêmico alemão. O método dominante da obra é o método positivista, onde Ratzel foi um dos introdutores desse método no pensamento geográfico, e a justificativa para a adesão ao positivismo consiste no fato de que esse teórico encontrava nos autores positivistas uma forte aparição das influências do meio sendo trabalhadas de forma científica.

Sobre esse método no estudo da Antropogeografia, Moraes (1990) afirma que:

A antropogeografia foi posta como uma “ciência empírica”, pautada na observação e na indução. Ratzel se posicionou radicalmente contrário ao uso de procedimentos dedutivos, ao levantamento de hipóteses lógicas e à especulação em geral. O trabalho deveria partir da descrição minuciosa de quadros espaciais circunscritos, vistos como conjuntos de elementos diferenciados entre os quais os fenômenos humanos. À descrição seguiria a comparação tendo por meta a classificação (MORAES, 1990, p. 13).

O geógrafo, em seu estudo, mergulhou profundamente nos inventários da sua época que tratavam das relações entre comunidades humanas e seu entorno ambiental. Ao buscar entender o jogo da relação entre homem-natureza e explicar os processos que correspondem a essa interação, o seu nome passou a ser associado ao determinismo geográfico e ao teorizar as relações homem-natureza, o pensamento ratzeliano, desde então, foi simplificado ao determinismo ambiental. Isso foi e é resultado de distorções e falsas interpretações de suas obras.

Há equívocos e mitos que foram deliberadamente construídos por seguidores e interpretadores da visão ratzeliana das relações homem-natureza. Segundo Moraes (1990), esses equívocos persistem, demonstrando que isso é fruto de análises pouco profundas e interpretações simplistas dos seus escritos.

Ao explorar as influências do ambiente sobre o homem, ele considerava que outros fatores, além do natural, modelavam o destino de um povo, em que a influência das condições naturais não seria o motor da história, sua única causa” (MORAES, 1990, p. 11). Ratzel não supôs que o meio natural fosse determinante da história de um povo, mas sim que as influências do ambiente sobre o homem vão se dar de forma mediatizada, através de condições econômicas e sociais (ARCASSA; MOURÃO, 2011).

De acordo com Moraes (1990, p. 11) “Ratzel antevê uma malha de influências que manifestar-se-iam através de causas econômicas e sociais, onde pode-se avaliar que tal concepção não se identifica com as formulações de um determinismo estreito”. Assim, verifica-se que a vinculação de Ratzel ao determinismo ambiental acaba simplificando a amplitude e diversidade do seu pensamento.

O legado desse estudioso para a Ciência Geográfica, ainda hoje, é fortemente associado ao determinismo. As interpretações limitadas de suas obras e a difusão de sua teoria através de seus discípulos e seguidores acabou possibilitando a introdução de outros fatores a sua teoria diferente daquelas originárias do próprio Ratzel.

Diante desse quadro ideário, a geógrafa americana Ellen Semple e o geógrafo inglês Elsworth Huntingron foram um dos responsáveis por difundir a imagem determinista do Ratzel e a distorcer alguns conceitos ratzelianos a partir de interpretações equivocadas de suas obras (CAZAROTTO, 2006). A interpretação errônea de suas máximas “as condições naturais determinam a História” ou “o homem é produto do meio” acabaram empobrecendo as formulações do Ratzel, o qual concebia mais um condicionamento do que uma determinação rígida dos elementos ambientais sobre a evolução das sociedades.

Segundo Seemann (2012), tais interpretações errôneas, no entanto, repercutiram entre os geógrafos a partir de então, onde parte disso se deu pelo fato de que apesar da vasta produção do Ratzel, poucas foram aquelas traduzidas para outras línguas, e a tradução seletiva e parcial de algumas de suas obras resultaram em citações fora do contexto e análises equivocadas, fazendo com que fosse preservada a imagem desse teórico enquanto um determinista ambiental e resumido os seus estudos a isso.

A esse respeito, Carvalho (1997) afirma que as sistematizações disponíveis da bibliografia produzida sobre o Ratzel ainda estão muito longe de refletirem com

fidelidade o conjunto de sua produção geográfica. Sendo assim, compreende-se que algumas obras não se preocupam em desenvolver uma real recuperação do legado ratzeliano.

Tal concepção é encontrada, principalmente, nos livros introdutórios à Geografia no Brasil. No entanto, esforços têm sido feitos entre alguns cientistas sociais com a finalidade de rever as fontes primárias dos seus escritos objetivando desmistificar essa visão ratzeliana amplamente difundida e não simplificar o seu legado ao determinismo ambiental.

Para além de qualquer estigmatização, é inquestionável as contribuições do Ratzel e da *Antropogeografia* para a Geografia. Por meio desse estudo, análises multidisciplinares passaram a estar presentes na Geografia, ganhando grande espaço nessa ciência a integração das relações homem/meio ou cultura/ambiente, enriquecendo os estudos geográficos e fortalecendo uma geografia do homem preocupada em discutir os aspectos físicos e sociais que se imprimem nos espaços.

Diante do exposto, podemos inferir que o autor estudado reconheceu a importância de agregar o homem nas análises do território, sem conceber o último desvinculado do primeiro, e sua visão articuladora de dois campos tão complexos, o cultural e o natural, alicerçado por questões naturalistas, históricas e filosóficas, foram essenciais para ampliar ainda mais as possibilidades teórico-metodológicas da ciência geográfica.

A relação ratzeliana entre política e espaço: comportamento territorial dos estados

Ao perpassar os estudos da *Antropogeografia* de Ratzel percebemos sua preocupação com a esfera política na gerência e compreensão sobre a relação homem e meio habitado. De acordo com Arcassa e Mourão (2011), Friedrich Ratzel ocupa um lugar de destaque entre os teóricos responsáveis pela institucionalização da Geografia, enquanto ciência, e seus estudos nos confere as primeiras análises que inserem o aspecto político ligado ao pensamento geográfico. Ressaltando que o método é o caminho pelo qual fazemos nossa pesquisa, assim, os conceitos da geografia tradicional são a base da pesquisa geográfica.

Nesse sentido, cabe lembrar que apesar de sua formação em Zoologia, Ratzel foi militar ativo, atuando na guerra contra França-Prussiana em 1870, ele só se retiraria da guerra devido ao ferimento de combate que lhe rendeu a surdez de um dos ouvidos. Ao

se afastar da vida militar volta-se aos estudos, indo além da zoologia, conforme nos coloca Cazarotto (2006), tornando-se naturalista, etnógrafo, jornalista, historiador e geógrafo.

Apesar da carreira de Ratzel tomar novos rumos, sua ligação com a política e com a conquista de território continua através das análises científicas. Tais estudos tiveram muita influência da teoria evolucionista (de Charles Darwin) que vigorava no período. Nessa perspectiva, Ratzel tenta trazer o debate político para o cerne do discurso científico, aderindo às ideias naturalistas, como coloca Cazarotto (2006, p. 95), “trazendo para a Geografia a concepção de Estado como organismo complexo”. Contudo, sua visão de geógrafo leva-o a buscar e introduzir, no discurso simplista da evolução biológica (determinista), a ideia de evolução espacial, abrindo caminho para a teoria difusionista que defenderia com o passar do tempo.

Com as ideias difusionistas, Ratzel transcende o determinismo puro e simples introduzindo a importância do ser humano e da sociedade que está sendo estudada. Dessa forma, ele defende que a sociedade é um elemento ativo. Como tal, o homem exprime sua relação com o meio e por muitas vezes o conforma às suas necessidades, ao passo que é dominado, por outras vezes, pelas dificuldades impostas pela natureza. Por isso, não podemos pensar e refletir o pensamento político de Ratzel, sem considerar a importância da relação intrínseca entre homem e natureza.

A fim de buscar entender as relações humanas com seu meio, Ratzel defendia a discussão entre as ciências, dos estudos relacionados aos territórios, pois para ele, Cazarotto (2006, p. 97) afirma que o território é a base, o palco onde os acontecimentos ocorrem. Nessa busca, incansável por entender o papel do homem e sua relação com e na natureza, Ratzel ergue sua concepção de Estado, enquanto uma estrutura organizada, um organismo complexo, construindo assim sua geografia política.

No entendimento de Cazarotto (2006), Ratzel tem a geografia política como o núcleo da parte mecânica da dinâmica das relações homem/território, ideia defendida, principalmente, quando ele entende o solo (território) como recurso básico e fundamento da vida humana.

A ideia de espaço vital, defendida por Ratzel, está ligada justamente à ideia de defesa (não expansão) do território, pois, conforme explicita Cazarotto (2006, p. 100), o espaço vital estudado pelo autor “é compreendido como o espaço de vida, da territorialidade instituída, onde se encontram as condições essenciais da vida, como matéria e energia”, retomaremos essa discussão mais adiante.

Destarte, é mister entender que Ratzel considera a sociedade como único mediador que une o solo e o Estado, que, por sua vez, é concebido como instância de gestão da sociedade e do solo, ou seja, da sociedade num território. No seu entendimento, o referido autor, concebe o solo como a grande riqueza da sociedade, considerando as principais características naturais, ou seja, quanto mais rico o solo (em matéria-prima), o território, maior a riqueza do povo que habitava aquele território.

Em seu texto *O Solo, a Sociedade e o Estado*, Ratzel (1983) nos traz as primeiras noções para fundamentar os estudos sobre o território e a importância da delimitação de um estudo que considere o homem/a sociedade e o espaço por ele habitado, que em conjunto formam um Estado. O autor coloca o conceito de Estado atrelado à existência de um território e suas fronteiras. Nesse sentido, insere-se a discussão política dentro dos estudos geográficos. Ratzel (1983) considerava fora de dúvida a existência do Estado dissociada de um solo.

O discurso geográfico feito por Ratzel (1983) na esfera política considera a relação do homem com o meio, a ligação de uma sociedade com o solo. Sendo assim, Ratzel (1983, p. 94) explica que a geografia política, no que diz respeito ao Estado, com o tempo se habituou a considerar a dimensão do território ao lado da cifra da população. Para o autor, a sociedade ou um indivíduo não podem ser considerados como unidades políticas se não estiverem sobre um solo, ou seja, o domínio político (a gestão do território) está ligado à extensão territorial habitada/dominada por um povo.

Seguindo os caminhos da pesquisa propostos por Ratzel podemos inferir que o método utilizado era a indução, pois o mesmo defendia que somente a observação e descrição minuciosa de quadros espaciais circunscritos compostos por conjuntos de diversos fenômenos humanos ligados aos fenômenos naturais era capaz de explicar a relação entre uma sociedade e seu meio. De acordo com Ratzel (1990, p. 13), depois da descrição, seguia-se para a comparação que tinha por meta a classificação. Com a posse dos resultados das pesquisas o pesquisador deveria retornar à escala local e à consideração de um povo específico, buscando identificar os nexos causais existentes.

A forma de pesquisar e entender o espaço e a sociedade que nele habita, independente do contexto histórico e espacial, nos revela que a compreensão de Ratzel sobre a relação da sociedade com o solo condicionada pela habitação e alimentação, é relevante por se fazer presente até os dias atuais explicitando essa relação nas habitações modernas. Essa relação imbricada entre as sociedades e o espaço/ o solo é a compreensão basilar para defesa de um conceito de território.

Nessa perspectiva, o Estado, segundo Ratzel (1983), tem como objetivo central a proteção do território contra os ataques externos que tendem a diminuí-los, ou seja, retirar parte do solo/ do espaço habitado por determinada sociedade. Diante desse cenário, a discussão política não existe sem a vinculação de um espaço à uma sociedade, assim sendo, todas as vezes que uma sociedade se mantém, minimamente, estável sobre um solo, ela vai organizar-se como Estado, delimitando suas fronteiras territoriais.

Seguindo o raciocínio exposto, consideramos que o Estado consiste num conjunto de instituições no campo político e administrativo que organiza o espaço (por isso a necessidade de constituição e delimitação de um solo transformando-o em território) de um povo ou nação (PENA, 2021). Assim, mais uma vez, fica clara a necessária ligação entre homem e meio habitado para se constituir um território e possibilitar a constituição de um Estado. Ratzel (1983) defende que a sociedade é o intermediário pelo qual o Estado se une ao solo e, dentro dessa afirmação, ele discorre sobre o papel fundamental das sociedades conformando os usos de seus solos, conferindo ao Estado papéis que diferem de acordo com o contexto vigente.

Para Ratzel “o solo é a base real da política” (1983, p. 99) e, por isso ele não concebe pensar a natureza dissociada do ser humano, principalmente os espaços habitados, os territórios. É imprescindível ter a consciência de que para governar ou administrar é necessário o elemento humano, que gere, e o elemento espacial/natural, essencial à existência e sobrevivência: o solo, objeto/instância de gestão. Esse entendimento de unir os estudos geográficos disponíveis sobre todos os aspectos humanos e naturais aos ideais de governança (política) levaram a Alemanha a alcançar êxito nas questões territoriais; e isso chamou atenção dos demais países europeus que estavam no centro da efervescência científica do século XVIII. Fiedrich Ratzel utiliza-se dos estudos disponíveis e de toda instrumentação realizada por Humboldt e Ritter e insere o discurso de gestão e governança do território, por isso, atribui-se a ele início dos estudos referentes à esfera política da ciência geográfica.

A concepção que Ratzel defende colocando o Estado como um organismo complexo não pode ser relacionada somente a questão do solo, do meio natural, porque o referido autor considerava o todo, incluindo a relação humana com e sobre o solo habitado, por isso pensar a política, uma vez que esta é a arte da governança. É necessário olhar o pensamento de Ratzel considerando homem e meio juntos, um transformando/conformando o outro e sendo por ele transformado/condicionado. De acordo com Faria e Costa (2021); é imprescindível considerarmos a interação entre os elementos geográficos, econômicos e políticos para a construção de um Estado.

Em sua obra *Geografia*, Ratzel (1990, p. 176) defende o Estado como um organismo, por sua natureza orgânica, explicitando que para se construir uma Geografia Política se faz preciso entender que, “cada povo, localizado na sua área essencialmente delimitada, representa um corpo vivo que se estendeu sobre uma parte da Terra e se diferenciou de outros corpos, que igualmente se expandiram por fronteiras ou espaços vazios”. Essa discussão de Ratzel nos leva a outra premissa inerente ao ser humano: a necessidade de sobrevivência e adaptação que o conduz ao movimento migratório que é comum às demais espécies/formas de vida.

Nessa perspectiva, as questões referentes ao crescimento das dimensões do Estado estão ligadas a cultura da sociedade que habita as fronteiras territoriais daquele Estado. Assim, a gerência do território será medida pela capacidade política de determinada sociedade e sua cultura de dominação. Existem sociedades que possuem em seus traços culturais características de domínio sobre outros povos e muitas vezes essa dominação ultrapassa os limites territoriais legais do Estado e chegam como forma de influência sobre outros povos, a fim de dominá-los. Um bom e atual exemplo disso é o tempo que vivemos, onde nos é imposta uma cultura uniforme, uma economia global, um modo de vida que se adeque ao sistema econômico vigente, desconsiderando as particularidades dos diferentes povos/ sociedades espalhadas pelo mundo. Vivenciamos um momento onde o poder do Estado passa a abarcar todos os territórios do planeta com a finalidade de torná-lo um único território, um único Estado.

Sendo assim, o pensamento de Ratzel nos traz de volta ao conceito de espaço vital. De acordo com Faria e Costa (2021, p. 15), Friedrich Ratzel formulou esse conceito considerando a necessidade do Estado em assegurar o domínio do solo, de maneira a garantir a sobrevivência do próprio povo, tendo em mente o seu aparato tecnológico, o tamanho da população e os recursos naturais existentes. A ideia era que a dominação do solo pela sociedade fosse mediada pelas técnicas que eles possuíam. Ainda dentro da teoria do espaço vital, Ratzel vai inserir a discussão sobre a necessidade de extensão territorial como forma de assegurar o solo conforme a sociedade que o detinha.

Embora o princípio da extensão estivesse ligado ao que Ratzel defendia, ele não deve ser usado para justificar e apoiar a ocorrência de guerras para domínio de outros povos, destruindo suas culturas, valores, com a desculpa de manter/ assegurar territórios. Conforme nos explica Faria e Costa (2021), a ideia de extensão proposta por Ratzel está ligada à forma como ele concebe o espaço, o território enquanto um organismo que precisa se expandir.

Ratzel continua a formular sua teoria sobre o crescimento do Estado mediante o crescimento dos povos e sua densidade populacional, fator imprescindível para que o Estado se amplie mesmo que seja mediante a migração para fora das fronteiras legais. A partir disso, o comércio e a comunicação serão fatores imprescindíveis e precedem as questões políticas, pois eles fazem a conexão entre os povos, entre as culturas, ampliando em muitos casos o domínio de um determinado Estado para além de suas fronteiras físicas. Ratzel nos chama atenção ainda para a íntima relação entre o povo e a terra como base para o crescimento do Estado, “da integração mecânica de áreas dos mais variadas tamanhos, populações e níveis culturais, surge um crescimento orgânico, pela proximidade, comunicação e mescla de seus habitantes” (RATZEL, 1990, p. 182).

Entendemos que as ideias referentes à extensão de território, à defesa, ao crescimento do Estado, à gerência política estão muitos mais ligados ao povo, ao que a sociedade que habita aquele espaço está determinada a fazer para expandir sem provocar danos dissolvendo outros povos. Ratzel defende o uso de um combate onde os oponentes que avançam possam batalhar em seu próprio terreno, provando, à medida que vencem as batalhas, que são semelhantes aos seus oponentes e por isso merecedores de compartilhar o território.

Considerações finais

Diante do que foi exposto no corpo do texto, construir um estudo acerca desta revisão bibliográfica faz parte de um dos tantos esforços de entendimento de obra de Friedrich Ratzel e seus principais conceitos. Assim, tal pesquisa se fez necessária pelos diversos motivos acima elencados e, principalmente, para entendermos a contribuição metodológica para a construção do pensamento geográfico enquanto ciência.

Em seus numerosos livros e artigos, o autor referido utilizou temas como política e território que se fizeram presentes em grande parte de sua vida a partir de suas análises científicas. Sua obra vem demonstrando fôlego nas contribuições para a geografia brasileira ao longo dos anos. Nesse sentido, acontece, nos dias atuais um movimento de (re)interpretação do pensamento ratzeliano que possibilite novos entendimentos sobre suas escritas e seu pensamento de forma geral.

Seguindo essa perspectiva, esse resgate do pensamento de Ratzel acontece porque sua obra foi e é bastante discutida pela forma que fora interpretada e traduzida ao longo dos anos. Alguns conceitos como o de espaço vital, por exemplo, foi apropriado pelo regime nazista e outros pensamentos e análises foram utilizados como base

científica para reforçar ou justificar atitudes e práticas políticas autoritárias. A tradução (ou falta dela), também trouxe contradições acerca de interpretações sobre o autor e seu pensamento no caso específico do pensamento científico brasileiro, todavia, podemos encontrar situação semelhante em outros países. Tal temática sobre a interpretação e o entendimento de Ratzel e sua obra vem ganhando novos caminhos na medida em que são feitas novas traduções e até mesmo novos estudos concernentes à escrita original dele ou mesmo de traduções feitas para outros idiomas. Portanto, observamos que a obra de Ratzel não só continua viva, mas também é continuamente “renovada”, continua atual, uma vez que reflete sobre assuntos que vivenciamos nos dias atuais.

Apesar de ser deixado de lado, muitas vezes renegado e durante algum tempo taxado de determinista duro e simplista, agora observamos uma reviravolta póstuma positiva da obra ratzeliana. No que diz respeito à geografia brasileira essa reviravolta vem trazendo novas contribuições e novos entendimentos sobre conceitos como o de território, Estado e a política em geral. Sua biografia, no geral, e sua obra em particular, assemelhando-se a da história da ciência geográfica, foram utilizadas para fins de dominação em um primeiro momento, foi taxado. Ele perdeu importância, sendo inutilizado aos poucos, e nos últimos anos vem passando por um processo de soerguimento que caminha a passos lentos, mas que não para de caminhar.

Quando refletimos sobre sua real importância para a construção metodológica da ciência geográfica conseguimos visualizar um compêndio de conceitos importantes e suas conexões com o espaço geográfico, além de ser um dos primeiros geógrafos que trouxe a esfera política para o centro da discussão geográfica. Assim, Ratzel introduziu estudos importantes sobre o território e seus diversos usos pelas sociedades e como isso altera e permite modificações e transformações constantes. Outra questão importante é a forma de abordagem ratzeliana da ciência geográfica que transcendia a natureza física do espaço e se concentrava na ação humana. Com isso, fica explícita, a importância da Antropogeografia de Ratzel, uma vez que o mesmo entendia o espaço vital como um organismo complexo e vivo.

The thought of Friedrich Ratzel and his methodological contributions to geography

Abstract: This bibliographic review effort about the work of Friedrich Ratzel (1844-1904) puts us together with so many other efforts to (re)interpret his thinking. Even occupying a prominent place regarding the formulation of geographic science, many of his ideas and studies have been less or poorly used over the years due to misinterpretations. In this sense, our general objective is to reflect on the methodological contributions of Ratzel's thinking to the construction of

geographic science. We will also be looking at analyzing some of your core ideas by embodying some key concepts, the influences that led to the construction of his thought and how he had been used and interpreted over the years. Finally, we reinforce the importance of other efforts like this so that we can demystify some ideas and conclusions about Ratzel and his work.

Keywords: methodological contributions; human geography; State, territory.

El pensamiento de Friedrich Ratzel y sus contribuciones metodológicas a la geografía

Resumen: Este esfuerzo de revisión bibliográfica sobre la obra de Friedrich Ratzel (1844-1904) nos une a tantos otros esfuerzos para (re)interpretar su pensamiento. Incluso ocupando un lugar destacado en cuanto a la formulación de la ciencia geográfica, muchas de sus ideas y estudios han sido menos o mal utilizados a lo largo de los años debido a malas interpretaciones. En este sentido, nuestro objetivo general es reflexionar sobre los aportes metodológicos del pensamiento de Ratzel a la construcción de la ciencia geográfica. También analizaremos algunas de sus ideas centrales incorporando algunos conceptos claves, las influencias que llevaron a la construcción de su pensamiento y cómo había sido utilizado e interpretado a lo largo de los años. Finalmente, reforzamos la importancia de otros esfuerzos como este para que podamos desmitificar algunas ideas y conclusiones sobre Ratzel y su trabajo.

Palabras clave: aportes metodológicos; geografía humana; Estado; territorio.

Referências

ARCASSA, Wesley de Souza; MOURÃO, Paulo Fernando Cirino. Ratzel: **Para Além Do Determinismo Geográfico**. Disponível em: <www2.fct.unesp.br/semanas/geografia/2011/2011-ensino%20e%20epistemologia/Wesley%20e%20Paulo.pdf> Acesso em: 08/ago/2021.

CARVALHO, Marcos. Ratzel: Releituras Contemporâneas. Uma reabilitação?. In: **Revista Bibliográfica de Geografia y Ciências Sociales**, N° 25, Universidade de Barcelona, 1997.

CAZAROTTO, Rosmari Terezinha. Leituras de Friedrich Ratzel na produção geográfica brasileira contemporânea. In: **Boletim Gaúcho de Geografia**, N° 30, Porto Alegre, 2006.

FARIA, Carlos Eugênio de; COSTA, Joabio Aleckson Cortez. **As contribuições metodológicas de Friedrich Ratzel para a ciência geográfica**. In: **GEOTemas**. Pau dos Ferros, RN/Brasil. v.11, 2021. Disponível em: <<http://natal.uern.br/periodicos/index.php/GEOTemas/article/view/3002>>. Acesso em 16/ago/2021.

MORAES, A. C. R. **A gênese da geografia moderna**. São Paulo: Hucitec, 1989.

MORAES, A. C. R. (Org.) **Ratzel**. São Paulo: Editora Ática, 1990.

MORAES, A. C. R.. **Geografia: pequena história crítica**. São Paulo: Annablume, 21. ed., 2007.

MOREIRA, R. **O que é geografia**. São Paulo: Brasiliense, 14. ed., 1994.

PENA, Rodolfo F. Alves. **Conceito de Estado**. Mundo Educação. Disponível em: <<https://mundoeducacao.uol.com.br/geografia/conceito-estado.htm>> Acesso em: 14/ago/2021.

RATZEL, Friedrich. **O Solo, a Sociedade e o Estado**. In: Revista do Departamento de Geografia. São Paulo: USP/DG, n. 2, 1983.

RODRIGUES, A. de J. **Geografia: introdução à ciência geográfica**. São Paulo: Avercamp, 2008.

SEEMANN, Jörn. Friedrich Ratzel entre tradições e traduções: uma breve abordagem contextual. **Terra Brasilis**. 1, 2012.

Sobre os autores

Suliman Sady de Souza – Licenciado e Mestre em Geografia. Doutorando em geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Iana Raquel Dantas de Oliveira – Licenciada em Geografia. Mestre em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Jeremias Rocha Pereira – Licenciado em Geografia. Mestrando em Geografia pelo na Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Joseara Lima de Paula – Licenciada em Geografia. Doutoranda em Geografia pela Univerdade Federal do Rio Grande do Norte.

Recebido para publicação em maio de 2023

Aceito para publicação em dezembro de 2023